

## UMA VIDA DE SURURU: GRACILIANO RAMOS E UMA REPRESENTAÇÃO SENSÍVEL DA VIDA URBANA DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Willian Scalco Pain<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa como Graciliano Ramos, em seu livro *Angústia* (1936), constrói uma representação sensível da cidade de Maceió no início do século XX, ressaltando as contradições sociais e existenciais da modernidade urbana. O objetivo almejado é o de investigar a relação entre História e Literatura, explorando como o autor articula, por meio da trama de seu texto, os espaços urbanos, isto para destacar as desigualdades, tensões política e os impactos do capitalismo incipiente sobre a subjetividade. A abordagem combina análise literária e contexto histórico, considerando a trajetória pessoal do autor e o jogo simbólico dos ambientes descritos. Conclui-se que Ramos imagina o espaço urbano como força opressora que materializa uma modernidade fragmentada, na qual a promessa de progresso convive com o desamparo e a alienação. Desse modo, a cidade narrada em *Angústia* adquire contornos quase metafísicos, de representação dos processos de tentativa de inserção do país na modernidade ocidental.

**Palavras-chave:** História Cultural. Representação Social. Literatura. Graciliano Ramos.

## A LIFE OF SURURU: GRACILIANO RAMOS AND A SENSITIVE REPRESENTATION OF URBAN LIFE IN THE EARLY 20TH CENTURY

**Abstract:** This article analyzes how Graciliano Ramos, in his book *Angústia* (1936), constructs a sensitive representation of the city of Maceió at the beginning of the 20th century, highlighting the social contradictions and existential of urban modernity. The aim is to investigate the relationship between History and Literature, exploring how the author articulates, through the plot of his text, urban spaces, in order to highlight inequalities, political tensions and the impacts of incipient capitalism on subjectivity. The approach combines literary analysis and historical context, taking into account the author's personal trajectory and the symbolic play of the environments described. The conclusion is that Ramos imagines the urban space as an oppressive force that materializes a fragmented modernity, in which the promise of progress coexists with helplessness and alienation. In this way, the city narrated in *Angústia* acquires

---

<sup>1</sup> É mestrando em História na Universidade de Passo Fundo (UPF). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6259559143272110>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7250-5049>. Email para contato: [scalcopain@gmail.com](mailto:scalcopain@gmail.com).

almost metaphysical contours, representing the processes of attempting to insert the country into Western modernity.

**Keywords:** Cultural History. Social Representation. Literature. Graciliano Ramos.

## 1 Introdução

Que o sol, a lua e os demais objetos celestes existem, é um fato observável, uma constatação do real. Uma obra literária, por outro lado, cinge o real imaginado para exprimir uma realidade mais expressiva, sentimental, reimaginando o sensível imediato em uma percepção estética mais intensa e aberta, quer dizer, mais passível de interpretações<sup>2</sup>. Isso não significa, contudo, que de uma obra se possa de tudo querer extrair, nem que há uma indefinição comunicativa ou um ilimitado horizonte de interpretações. Tal afirmação pode se firmar no fato de que é o autor que propõe a questão e que estabelece o enredo de funcionamento do texto, isso ao mesmo passo que também é impelido pelos idos da história, quer dizer, pela sua leitura das tendências do contexto histórico no qual habita e é habitado. Desta feita, por mais livre que possa ser uma interpretação literária, e, por mais crítico que possa ser esse pensamento, ainda assim o escritor possui um certo controle sobre a direção da fruição do leitor.

Assim, ao caminhar pela pluralidade das interpretações literárias, o leitor enfrentará um vislumbre do real, uma releitura específica em que os espaços, por exemplo, não serão só espaços, serão sentimentos, racionalizações imaginárias do sensível, justaposições sinedóquicas<sup>3</sup> do social, que conversam entre si e constituem uma representação sensível/estética da vida cotidiana, prosaica. Como nos diz Pesavento: “A representação guia o mundo, através do efeito mágico das palavras e da imagem, que dão significado à realidade e

---

<sup>2</sup> Tal perspectiva pode ser encontrada em Eco, no seu *Obra Aberta*, onde o autor demonstra esse paroxismo da obra de arte, isto é, da obra (nesse caso literária) como uma grande questão posta ao leitor, à qual o escritor se absteve de responder, e, de onde vem a noção de abertura, representando essa certa liberdade do leitor de dar uma resposta. Conforme o autor italiano: “Cada fruição é, assim, uma *interpretação* e uma *execução*, pois em cada fruição a obra revive dentro de uma perspectiva original” (ECO, 1976, p. 40).

<sup>3</sup> “Com a sinédoque, que é considerada por alguns teóricos como forma de metonímia, um fenômeno pode ser caracterizado usando-se a parte para simbolizar alguma qualidade que se presume seja inerente à totalidade” (WHITE, 2019, p. 48). Nesse sentido, entendo que a sinédoque funciona na prosa literária como uma estetização, um qualissigno que se corporifica nas práticas cotidianas, onde o cotidiano particular é tomado como expressão sensível das implicações do todo, que é, ele mesmo, uma percepção estética incorporada no espírito do tempo compartilhado entre os indivíduos e grupos. Qualissigno, de acordo com Peirce, “é uma qualidade que é um Signo” (PEIRCE, 2015, p. 52).



pautam valores e condutas” (PESAVENTO, 2002, p. 8). Valores, condutas e sentimentos, encontramos aqui uma tríade que revela o caráter interdisciplinar da análise de um livro de literatura, quer dizer, que é, ao mesmo tempo, envolvida pela historicidade do sujeito, pelas suas práticas sociais e pelas suas relações sensíveis com os espaços fixos e seus móveis (as pessoas).

Nesse sentido, pensar o urbano a partir do mundo ficcional literário é pensa-lo sob esses três aspectos, e, sobretudo, como *le lieu du conflit* da história do mundo moderno. Desse modo, observar e refletir sobre as cidades e seus espaços, preenchidos ou vazios, significa adentrar no cerne das tensões, das angústias, das disputas pelo real, das esperanças, das tragédias, dos sonhos e pesadelos das relações humanas (PESAVENTO, 2008, p. 26). Com isso, se, por um lado, a História como ciência tenta reconstruir esse real das tensões nas cidades a partir dos vestígios históricos, e, com base no seu rigor teórico-metodológico reconhecido pelos seus pares da comunidade científica, legitima esse conhecimento produzido; por outro lado, a literatura retoma essa história e tenta produzir uma possibilidade do real, isto é, algo que poderia ter acontecido dentro daquele contexto histórico específico.

Em consideração a isso, é sobre o encontro entre História e Literatura que essa análise fora construída. Esse entrelaçar dos fios da História e da Literatura (o primeiro a urdidura o segundo a trama), pensados como contrastantes antes do século XX, principalmente pelos historiadores setecentistas e oitocentistas guiados pela divisão maniqueísta entre razão e imaginação<sup>4</sup>, nos ajudará a entender um pouco mais sobre a apreensão estética dos sentidos e das tendências que uma época é capaz de suscitar na mente dos que habitam e são habitados pelo *ethos* social e seu horizonte de expectativas. Tal qual a musa da história que ditava a história para Heródoto e Tucídides, os “ventos” da história “sopram os sons” tragicômicos do enredo do drama histórico para aqueles que se arriscam a escutá-los e a entender que, a história não é um processo contínuo e linear de progresso, mas um construir, desconstruir e reconstruir dialético e trágico de elementos primitivos compartilhados, que, por fim, tendem a se direcionar à união pelo riso.

<sup>4</sup> “Isso significa que conjuntos completos de dados proveniente do passado – tudo o que estava contido na lenda, no mito, na fábula – eram excluídos” (WHITE, 2019, p. 66).



Nesse sentido, este trabalho se propõe a analisar como Graciliano Ramos constrói uma representação sensível da cidade de Maceió sob a ótica da literatura, mais especificamente da que está presente nas primeiras páginas da obra *Angústia* (1936). Esta análise se justifica como uma tentativa de reconhecer uma certa materialidade da literatura como representação social, no sentido de entendê-la como uma prática que dá uma nova forma a um conteúdo presente na realidade sócio-histórica.

Para isso, tentaremos explorar três fatores: primeiro, tentamos entender a posição histórica e social do autor, refletindo sobre as influências e os contextos que moldaram sua visão de mundo. Em seguida, nos voltaremos para a obra em si (o que ela diz, como diz e de que forma seus elementos revelam não só o conteúdo de uma época, mas as ideologias e valores de uma sociedade em transformação). E, por último, buscamos compreender a relação íntima entre Graciliano e o ambiente que ele retrata, como ele sente e interpreta o mundo ao seu redor, numa tentativa de traduzir as angústias e contradições de seu tempo.

## 2 Grandes esperanças

Com o derradeiro final da monarquia por meio de um golpe militar, advinha, a partir da Proclamação da República (1889), um sentimento de grandes esperanças, de crença no desenvolvimento industrial e na melhoria das condições de vida, em contraposição à dura vivência no campo (isso foi uma noção comum na América Latina, não é uma discrepância do Brasil). A cidade, por sua vez, será o espaço central no qual irão se amalgamar esse horizonte de expectativas. Todavia, como escreveu Marins:

Novos habitantes, vindos das antigas senzalas e casebres do interior do país ou dos portos estrangeiros, somavam-se aos antigos escravos, forros e brancos pobres que já inchavam as cidades imperiais, e junto a eles aprenderiam a sobreviver na instabilidade que marcaria suas vidas também em seu novo habitat (MARINS, 2021, p. 102).

Como nos informa o autor, a instabilidade que se dava no campo vai se apresentar também nas cidades como uma das suas características mais centrais, decorrente do incipiente capitalismo brasileiro dado linha pelas oligarquias cafeeiras. Marins continua: os novos habitantes “movimentar-se-iam, todos eles, pelas ruas alvoroçadas em busca de empregos e de tetos baratos para abrigar-se” (MARINS, 2021, p. 102).



Mais à frente, nos anos 30, com a queda do governo Washington Luís, produziu-se novamente um clima de euforia ao representar o afastamento das oligarquias do poder central. Contudo, como vai observar Napolitano: “Os ‘revolucionários’ de 1930, no fundo, queriam apenas uma reforma política e não uma revolução” (NAPOLITANO, 2022, p. 95). A instabilidade se manteria, especialmente a relacionada ao novo regime a ser adotado, com disputas entre liberais, comunistas, reformistas, conservadores e fascistas.

Foi em meio a esse quadro mais geral, de instabilidade política e socioeconômica, que Graciliano Ramos crescera, em Quebrangulo, no Estado de Alagoas, e, período no qual vai escrever sua obra *Angústia* (RAMOS, 2023), entre 1935-1936. De acordo com Moraes: “O Brasil de 1892, ano em que o velho Graça nasceu, não parece tão distante assim. Crise econômica, ínfima participação popular, disputas políticas dentro do bloco de poder, promessas de mudanças no ar, incertezas quanto ao futuro” (MORAES, 2012, p. 22).

A Maceió de Ramos, que começara como um pequeno povoado que se desenvolveu em razão das atividades econômicas e portuárias, tornara-se a capital de Alagoas em 1839. Seu surgimento seguiu o de outras capitais, quer dizer, sem planejamento urbano, e foi sendo expandida e reformada mais intensamente a partir da Proclamação da República até a Revolução de 30. A sua população girava ao entorno de 143.895 mil habitantes, um crescimento considerável desde o censo de 1920, que contabilizou 74.166 mil habitantes. Com o tempo, portanto, as praças da cidade foram se tornando o centro de lazer e manifestação cultural: “a partir da década de 20 e 30, aconteciam concertos que eram freqüentados de início por pessoas mais requintadas da sociedade, em seguida, foram recebendo também pessoas simples e de toda sociedade” (OLIVEIRA JUNIOR, 2009, p. 64). Além disso, as ruas também seriam tomadas por procissões e outras práticas religiosas, mas, também, pela festa de carnaval com suas máscaras e confetes.

Essa popularização das ruas seria seguida pela criação de espaços separados para a burguesia, como afirma Oliveira Junior: “Com o aumento demográfico da população da cidade e a construção de espaços privados destinados a diversão da burguesia as praças deixam de ser freqüentes pela elite local passando a ser ocupada pelos populares e transeuntes” (2009, p. 65). Aqui fazem-se presentes os famosos bailes da elite local. A economia, por seu lado, começava a sentir o deslocamento do modelo econômico agrário para o urbano-industrial pretendido pelo modelo nacional desenvolvimentista de Vargas. O modelo paternalista do coronelismo agrícola

iniciara suas mudanças com o individualismo capitalista. Essa mudança altera não só a lógica econômica, mas, também, as relações de trabalho e sociais, impulsionando a competição, a importância da propriedade privada e estabelecendo condições mais pesadas, de maior ritmo de trabalho. Como escreve Monteiro: “Com a Revolução de 30, a oligarquia que era alimentada pelo proprietários rurais e burguesia comercial ligadas ao setor exportador iniciava um novo ciclo e um novo tipo de aliança político-econômica, que centralizou o controle de suas ações nos setores urbanos da capital Maceió” (2018, p. 74). Depois desse breve apanhado histórico, cabe-nos discorrer sobre quem foi o autor alagoano.

## 2.1 O Velho Graça

Graciliano Ramos nasceu em 27 de outubro de 1892, filho de um antigo senhor de engenho que, à época de seu nascimento, era proprietário de uma loja de tecidos. Três anos depois, em 1895, os Ramos comprariam uma fazenda com suas economias, em Buíque, Pernambuco, na qual o futuro autor guardaria muitas memórias da vida no campo, lembradas no seu livro *Infância* (RAMOS, 1995), e, muitas vezes refletida em seus romances. Nas palavras de Moraes: “Os Ramos nada mais eram do que um microcosmo da rígida tradição familiar sertaneja, na qual a noção de hierarquia representava um totem” (MORAES, 2012, p. 24). Podemos entender, de um modo geral, a inevitabilidade do choque entre o *ethos* paternalista guiado por uma proximidade maior entre as pessoas e o *ethos* individualista e de maior distância entre as pessoas da ordem liberal capitalista.

O velho Graça, como era carinhosamente apelidado, não teve uma vida tranquila ou fácil. Ainda em sua tenra infância, experienciou da educação das letras, mas, também, da “docilização” pelas palmadas e pelo sobrenatural. Como o mesmo diria: ‘Medo. Foi o medo que me orientou nos primeiros anos. Pavor’ (RAMOS *apud* MORAES, 2012, p. 24). Isso contribuiu, provavelmente, para seu perfil reservado e introspectivo. Depois, em sua juventude, trabalhou como comerciante e funcionário público, chegando a ser, em sua vida adulta, prefeito da cidade onde vivia, em Palmeira dos Índios, no Estado de Alagoas. Sempre com uma vida financeira instável, mesmo quando prefeito (devido sua vida pública proba), sua saúde também seria debilitada. Era um fumante inveterado, sempre achava tempo para um gole de pinga e,



além disso, fora preso político duas vezes, ficando encarcerado em situações degradantes, o que acabou agravando sua saúde claudicante.

Ademais, Graciliano Ramos iria se mudar para várias cidades, e, em sua maturidade, publicaria alguns contos em jornais locais sob pseudônimos. Em 1914 foi tentar a vida no Rio de Janeiro, mas, em 1915 teve de voltar para Palmeira dos Índios, em Alagoas, devido à uma epidemia de peste bubônica que estava matando seus familiares. No mesmo ano se casou com sua primeira esposa, Maria Augusta de Barros, ano em que também encerrou suas contribuições aos periódicos locais, se concentrando na loja de tecidos herdada de seu pai. Em 1916, 1917 e 1919 nasceram seus 3 filhos e, em 1920, falece sua esposa devido complicações no parto da sua quarta filha. Em 1928, ano em que toma posse como prefeito de Palmeira dos Índios, também se casa com Heloísa Leite de Medeiros, de 18 anos. No mesmo ano, termina de escrever *Caetés* (RAMOS, 2013), sua primeira obra que só foi publicada em 1933, no Rio de Janeiro. Nesse meio tempo, Graciliano Ramos teve outros filhos, inclusive um que faleceu com alguns poucos meses de vida. Em 1934 é publicado seu segundo romance no Rio de Janeiro, chamado *São Bernardo* (RAMOS, 2009), que tivera sua escrita iniciada ainda em 1932.

Para ser breve, esse foi um período que marcou profundamente Graciliano Ramos. Além da constante luta pela melhoria das condições de vida, tarefa complicada pela aspereza do tempo de carestia (isso frente a uma realidade instável que não favorecia muito o trabalhador), ao mesmo tempo que tentava sua empreitada de viver da escrita, também teve de enfrentar o doloroso sentimento do luto inesperado, da perda súbita de sua esposa e depois de seu filho ainda bebê. Uma vida trágica, ao que parece. Do enredo da vida como tragédia, como um grande obstáculo feito de dor e sofrimento, Ramos parece se fazer desviar pela ironia, tanto na vida pessoal quanto em suas obras. Um exemplo disso temos quando o autor descreve a vida dos homens da elite política e econômica em *Angústia*: “Ficam dias inteiros fuxicando nos cafés e preguiçando, indecentes” (RAMOS, 2023, p. 7). A ironia está na contradição dessa descrição em relação ao discurso político oficial de esperança no avanço econômico.

No dia 3 de março de 1936, acusado de ser comunista, é preso pelo aparato repressivo do estado brasileiro. Contudo, antes, ainda na manhã daquele dia, havia entregado os originais de seu terceiro livro, *Angústia*, continuado por insistência da também escritora e sua amiga Rachel de Queiroz. Como Graciliano Ramos escrevera: ‘De vez em quando [Rachel] dizia-me desaforos por não me resolver a meter a cara no *Angústia*, que ela acha melhor que os outros



dois' (RAMOS apud MORAES, 2012, p. 100). Por ser essa a obra foco desse projeto, nos debruçaremos mais a fundo nela agora.

## 2.2 Um lugar (do) sensível

Escrever sobre a sensibilidade de um olhar sobre o material é deveras complicado. Podemos descrever situações angustiantes, momentos de felicidade, tristeza, medo e sofrimento, quer dizer, podemos dialogar sobre o objeto causador do que é sentido. Contudo, definir o que o outro sente é complicadíssimo, exige acesso à uma sensibilidade do outro que raramente se consegue atingir, geralmente ficamos ali no indiciamento de tal experiência sensível. Se alguém nos diz que está sofrendo, não perguntamos *como se formou* esse sofrimento, pedimos *o que está causando* esse sentimento. Perguntar sobre *o que*, é questionar sobre o objeto causador, a superfície imediata do sentido; perguntar *o como se formou*, em contrapartida, permite questionar a estrutura, olhar criticamente a base, a raiz e o desenvolvimento de tal sofrimento.

Nesse sentido, o objeto imediato do sofrimento de Luís da Silva, personagem principal de *Angústia*, seria a perda da noiva, Marina, para Julião Tavares, um ricoço pedante que vive às custas da mais-valia<sup>5</sup> produzida por trabalhadores, como o próprio Luís, motivo do ódio ao burguês desse último (CANDIDO, 2024, p. 47). Todavia, se refletirmos sobre a estrutura causadora desse sentimento, precisaremos revolver às condições socioeconômicas do personagem principal.

Luís nos diz viver uma vida de Sururu. Essa palavra, além de nos comunicar que Graciliano Ramos está falando *para e pelos*<sup>6</sup> seus conterrâneos ao usar uma expressão tão típica de uma determinada região do Brasil, faz pulular na mente, também, uma estranha metáfora da cidade e do indivíduo como conchas aprisionando um molusco (que é o literal Sururu). Luís (quiçá Ramos), portanto, é esse indivíduo pressionado, sufocado pela cidade, um produto “fantasmagórico”, fetichizado pelo espaço que habita, “derramado” (no Tupi: sururu) na cidade

<sup>5</sup> A mais-valia seria “o valor produzido pelo trabalhador que é apropriado pelo capitalista sem que um equivalente seja dado em troca” (BOTTOMORE, 1988, p. 361).

<sup>6</sup> O *para* refere-se ao destinatário da mensagem, a quem a recepção e a decodificação do signo ocorrem de maneira mais natural. O *pele* quer significar seus conterrâneos sertanejos como uma rede que, no contato entre seus fios, isto é, em suas relações, ainda que fictícias, produzem discursos e representações.

pelos “ventos” do progresso. Desse modo, Luís da Silva vai olhar para a cidade da mesma forma como Ramos percebe a linguagem, quer dizer, com desconfiança<sup>7</sup>. Isso porque há uma cacofonia ideológico-liberal que opera pela reificação<sup>8</sup> da imanência dos sentidos/reconhecimentos da vida, impondo, pelas palavras, pelas relações humanas, e, pelos espaços, um olhar fetichizado do que está no mundo.

A angústia do título, talvez, não seja em relação ao assassinato cometido ao final do livro, que, todavia, já ocorrerá desde o início da narração, mas, sim, da mesmice do cotidiano pela espera de uma modernidade que nunca chega, e, que quando chega, é de maneira a inserir o indivíduo como produto/consumidor. Se o assassinato tem alguma relação com seu sofrimento, é porque o rebaixa à um habitante subalterno da cidade, um perambulante das sombras da noite, dos espaços malditos da cidade<sup>9</sup>. Conforme nos confia o personagem: “Se pudesse, abandonaria tudo e recomeçaria as minhas viagens. Esta vida monótona, agarrada à banca das nove horas ao meio-dia e das duas às cinco, é estúpida. Vida de sururu” (RAMOS, 2023, p. 5).

É certo que cerca de trinta dias se passaram desde o homicídio, nos levando a crer que Luís da Silva alcançou aquilo que Raskólnikov não foi capaz, isto é, se acostumou com o peso de seu ato. Afinal, Luís não quer ser um rato, ele não é um rato (RAMOS, 2023, p. 9), ele não faz parte da cidade maldita, ele não é fraco como Dostoiévski, ele foi até as últimas consequências, ele assumiu o verniz civilizatório da sociedade urbana fantasmagórica<sup>10</sup>, ele sabe que só precisa parecer civilizado, não precisa ser: “Está claro que todo o desarranjo é interior. Por fora devo ser um cidadão como os outros, um diminuto cidadão que vai para o trabalho maçador” (RAMOS, 2023, p. 25). Sua consciência em si o impeliu para isso, não teve condições teóricas para lutar coletivamente. Quer dizer, as imagens do que ele fez ainda o

<sup>7</sup> De acordo com Alfredo Bosi, Graciliano Ramos via com desconfiança a linguagem, exprimindo sempre angústia e opressão. Conforme Bosi: ‘Lembro o que diz Paulo Honório em *São Bernardo*, e Luís da Silva, em *Angústia*, sobre o caráter safado das palavras pedantes e das estréias literárias que se exibem nas vitrines como as prostitutas na rua. A palavra escrita sofre um processo que lhe movem a economia e a moral da pobreza’, (*apud* MARINHO, 2000, p. 15).

<sup>8</sup> “A reificação cria uma ‘postura’ ou um comportamento que distorce nossa própria perspectiva e se propaga de tal forma nas sociedades capitalistas que podemos falar dele como uma ‘segunda natureza’ do homem”, (HONNETH, 2018, p. 37).

<sup>9</sup> “Os espaços malditos da urbe eram os bares, tavernas e tascas da beira do cais e dos becos que infestavam a cidade e que, junto com as jogatinas e os bordéis, configuravam zona perigosa aos bons costumes, onde evitam passar as pessoas de respeito, principalmente as do sexo feminino” (PESAVENTO, 2008, p. 25 - 38).

<sup>10</sup> “No século 19, as imagens do progresso e da civilização iluminam o universo cultural burguês, e a sociedade fetichizada se oferece na sua melhor roupagem. As fantasmagorias urbanas se impõem, fazendo da aparência e da representação um mundo mais convincente que a própria realidade” (PESAVENTO, 1994, p. 7).



perturbam, seja pelos personagens da cidade como o comerciante Moisés, seu locador o Dr. Gouveia (que não se ocupa com ninharias temporais, prefere se preocupar com suas propriedades), as prostitutas da Rua da Lama, o “homem da luz, negociantes, políticos, diretor e secretário” (RAMOS, 2023, p. 8); seja pelos imóveis da cidade, como as livrarias e suas vitrines e os cafés. Contudo, isso era passageiro, ele nos conta: “Afinal, tudo desaparece. E, inteiramente vazio, fico tempo sem fim ocupado em riscar as palavras e os desenhos” (RAMOS, 2023, p. 8).

Em meio a essas meditações angustiadas do personagem principal, Luís da Silva nos revela suas percepções do cotidiano urbano de Maceió, como o crescimento dos que ele chama de “vagabundos”, que, de acordo com o mesmo, “cresceram muito” (RAMOS, 2023, p. 5). O personagem não os suporta, são seres que o lembram de seus atos, das sombras que naquela fatídica noite faziam parte do espaço onde se desenhou o assassinio. Aliás, podiam esses “vagabundos” estarem ali, naquelas sombras da fatídica noite, a observarem seu crime. Seriam, agora, companheiros, o assassino de um burguês e o vadio<sup>11</sup>, criminosos da (des)ordem social. Ramos nos lembra, desta forma, da noção higienista da ordem social da Primeira República, onde a ociosidade é negada a quem não tem nada além de sua força de trabalho. Como traz Pesavento: “Os habitantes subalternos da urbe precisavam ser enquadrados dentro de uma ordem supostamente mais ordenada, bela, higiênica, moral” (PESAVENTO, 1994, p. 9). Desta forma, Luís da Silva revela a moralidade e os valores que cercam esse contexto. Estranha contradição valorativa, tanto o burguês quanto o vadio vivem do trabalho de outrem, mas somente um é feito de forma organizada, racionalizada e institucionalizada, e somente um é considerado errado. A ociosidade é um crime, só o trabalho liberta, o trabalho/tempo de vida do outro no caso do burguês.

Podemos inferir que seria improvável que Luís da Silva desenvolvesse a consciência para si, visto ser-lhe negado o ócio, o tempo de atualização do espírito, esse compreendido como existência em si mesma, e, portanto, podendo ser definido como liberdade por Hegel, devido ausência de determinações externas (WHITE, 2019, p. 118). E continua: “A existência completa em si mesma, continuou ele, é também autoconsciência – consciência que se tem do próprio ser, isto é, consciência de que se é potencialmente capaz de vir a ser” (WHITE, 2019,

---

<sup>11</sup> “Juridicamente, na Primeira República, a prática da vadiagem estava tipificada como crime no Artigo 399 do Código Penal de 1890” (RÜCKERT, 2019, p. 325).

p. 118). Desta forma, Luis da Silva enveredou-se a dar vãs paixões, aos estímulos exteriores, interiorizados em desejos e objetivos egoístas, típico do homem depravado de Hegel: ‘são depravados quando, em lugar de se alistarem como combatentes das necessidades práticas dos tempos, se contentam simplesmente com dar rédea larga a uma força individual que é, com seu capricho implícito, alheia a todos os fins comuns’ (HEGEL apud WHITE, 2019, p. 104).

A urbe moderna, nos dá a entender Ramos, está sendo construída como um reforço da ideia da redenção humana pelo trabalho, a crença na modernização toma forma na presença material da urbe. A cidade, nos relata Luís da Silva, mudou: “Há quinze anos era diferente. [...] O meu quarto, no primeiro andar, era um inferno de calor à hora em que os outros hóspedes iam para a escola, estudar medicina, eu dava um salto ao Passeio Público e lia, debaixo das árvores” (RAMOS, 2023, p. 9). Agora, ele nos dirá, o calor ainda é grande, mas “faltam plantas” (RAMOS, 2023, p. 9). Há, em seu discurso, uma aparente representação espacial da cidade como hostil (portanto, dos que a pensaram), as mudanças do espaço, desta forma, estariam reproduzindo a crença na industrialização, no trabalho e, destarte, na modernidade. A cidade e seus móveis e imóveis, como representação da estrutura que a modela, auxilia a ordem estabelecida e requerida ao limitar e ordenar os espaços. Se, como diz Pesavento: que “a cidade, por oposição à natureza, é o lugar e a obra do homem que, tal como o Deus bíblico, à constrói à sua imagem e semelhança” (PESAVENTO, 2008, p. 25), Ramos nos diz, por sua vez, que importa, entretanto, saber quem é esse Deus, quer dizer, quem são esses homens, já que o real é um campo pela disputa de definir o que é o real. Num sentido bourdieusiano, opera como habitat de um *habitus*<sup>12</sup> determinado, isto é, dispõe as condições espaciais (formas) para o desenvolvimento das tendências de um contexto.

O espaço, nesse contexto, representa uma ordem opressiva que molda e inculca um *habitus* do habitar, isto é, uma maneira específica de sentir e se relacionar com o ambiente. Trata-se de uma violência simbólica que, ao mesmo tempo em que inibe práticas como o ócio, reforça a construção de um discurso de separação entre “nós” e “eles”. Em outras palavras, a integração na sociedade é condicionada à ideia de trabalho: não há lugar na cidade para os

---

<sup>12</sup> Para Bourdieu, o *habitus* é “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas” (BOURDIEU, 1983, p. 65).



ociosos. Esse aspecto nos leva a outra reflexão. Todo ato de pensar ocorre dentro dos limites das experiências vividas no tempo e no espaço. Assim, se o espaço não existe como um ambiente que favoreça determinadas práticas, como a do ócio, ele também restringe as disposições que poderiam estimular novas formas de subjetividade. Isso revela uma faceta autoritária do espaço: mais do que ser habitado, o espaço exerce influência sobre aqueles que o habitam. Essa dimensão simbólica está presente em *Angústia*, de Graciliano Ramos, quando Luís da Silva reflete: há “Apenas, um pouco afastados, coqueiros macambúzios, perfilados, como se esperassem ordens” (RAMOS, 2023, p. 9). A visão de Luís da Silva não apenas traduz sua angústia pessoal, mas reflete o controle simbólico do espaço durante o primeiro governo Vargas. Nesse contexto, o espaço, assim como as palavras, se estrutura como algo que não apenas existe, mas também molda os sujeitos que dele fazem parte.

Os cafés, lugar do ócio, da conversa, da discussão de ideias, da política, de crenças, de pensamentos, de esperanças e angústias, quem os frequenta, de acordo com Luís da Silva, são indecentes (RAMOS, 2023, p. 7). Desse espaço ele foge, aperta-se entre as paredes como um rato para escapar, pois a esses, que aí frequentam, deve o aluguel, a luz, as compras do mês. Lhe é um ambiente hostil, ao invés de tranquilidade lhe causa angústia, uma lembrança das dívidas, da falta de dinheiro e propriedades, da instabilidade socioeconômica que o toca em sua carne viva e o atormenta: “Não consigo escrever. Dinheiro e propriedade, que me dão sempre desejos violentos de mortandade” (RAMOS, 2023, p. 7). Em outras palavras: as pessoas, que também fazem parte do ambiente, contribuem na caracterização do espaço, e, as relações entre esses agentes sociais refletem, em certo sentido, a legitimação do *habitus*.

Se o espaço do ócio lhe é negado, a figura clichê da pessoa reflexiva na janela de um ônibus moderno transforma-se, com Luís, em uma viagem de bonde. Nesse momento, o espaço que lhe fora negado (assim como o é aos trabalhadores em suas jornadas exaustivas de trabalho), isto é, o tempo, que “é o espaço do desenvolvimento humano” (ANTUNES, 2018, p. 35), se apresenta como um hiato no passeio, e, a ociosidade como um momento *parrhesiástico*<sup>13</sup> lhe atinge. Nesse momento, o personagem começa a perceber a segregação espacial das classes sociais. Ao abandonar o centro da urbe, espaço de encontro e tensões das classes, percebe, em

<sup>13</sup> “Na *parrhesia*, o que está fundamentalmente em questão é o que assim poderíamos chamar, de uma maneira um pouco impressionista: a franqueza, a liberdade, a abertura, que fazem com que se diga o que se tem a dizer, de maneira como se tem vontade de dizer, quando se tem vontade de dizer e segundo a forma que se crê ser necessário dizer” (FOUCAULT, 2010, p. 334).



seguida, mais perto do centro dos acontecimentos, “as casas da gente rica, dos homens que me amedrontam” (RAMOS, 2023, p. 9), e, mais afastados do centro, ao fim da linha, avista um “Bairro miserável, casas de palha, crianças doentes” (RAMOS, 2023, p. 10). Na volta a cidade, o carro passa pelo trabalho de Luís e pela Rua do Comércio, depois faz a volta e marcha para oeste, rumo ao interior. Nosso personagem se perde em devaneios, e, o passado que remorde, o alcança sagazmente e o transfere para um espaço outro, menos angustiante, menos sufocante. Volta a ser criança. Naquele momento ele esquecera o peso do dinheiro, das propriedades, das dívidas, da ditadura (RAMOS, 2023, p. 11). Por outro lado, lembrava do declínio da vida no campo, de seu pai, Camilo Pereira da Silva descansando na rede enquanto corta a palha de milho para o cigarro, esperançoso que vitória do partido que apoia melhoraria a situação; de seu já idoso avô, Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva; de sua cachorra, a Moqueca; e, de sua avó, Germana, brigando com escravas que nem existiam mais (RAMOS, 2023, p. 11).

Graciliano Ramos nos mostra, com isso, uma representação dessa passagem da vida no campo para a cidade e sua paulatina perda de influência frente ao projeto industrializante de modernização do país. Podemos observar isso, tanto na descrição de Luís sobre a sua infância, quanto nos nomes da família que vão perdendo os vários sobrenomes a cada geração, utilizados pelas famílias nobre e importantes como distinção social. Como escreve Candido: “A decadência do avô, Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, e a do pai, ‘reduzido a Camilo Pereira da Silva’, criaram um ambiente de derrota prévia para a sua carreira” (2024, p. 43). Luís, ao andar pela cidade, pelo espaço, rumo ao campo, renova a memória sensível do passado, reconstrói o tempo da mocidade, tempo de criança, da ingenuidade, da imaginação, do questionamento, do tempo do ócio sem remorso. O carro do bonde é um interstício no tempo e no espaço, não há o que fazer a não ser flertar com a imaginação, adentrar nas lembranças, enfrentar os arrependimentos, a ansiedade das possibilidades e vislumbrar a liberdade.

Contudo, Luís da Silva não sabe por que renovou tais lembranças: “Não sei por que mexi com eles, tão remotos, diluídos em tantos anos de separação. Não tem relação com as pessoas e as coisas que me cercam” (RAMOS, 2023, p. 14), embora, mais a frente confesse: “Tenho-me esforçado por tornar-me criança – e em consequência misturo coisas atuais a coisas antigas” (RAMOS, 2023, p. 19). O passado é seu refúgio, um passado que, pelas peripécias da memória, talvez tenha vivido ou não, pois, como dito acima, é uma renovação sensível do passado, e isso feito a partir de um presente dolorido e angustiante. Como afirma Candido: “o

devaneio chegará em *Angústia* ao crispado monólogo interior, onde à evocação do passado vem juntar-se uma força de introjeção que atira o acontecimento no moinho da dúvida, da deformação mental” (2024, p. 23).

Frente a um mundo de promessas que parecem nunca chegar, ele prefere refugiar-se em um passado que talvez nunca tenha existido, mas que nem por isso deixa de exercer alguma influência sobre ele, visto que:

[...] o homem re-apresenta a ordem social vivida, atual e passada, transcendendo a realidade insatisfatória. Há, pois, um deslizamento de sentido, uma representação do outro que não é idêntica, porém análoga, uma atribuição de significados que expressam intenções, desejos, utopias, mitos (PESAVENTO, 2008, p. 26).

Comparando-se a esse Luís do passado, chega à conclusão: “Não sou o que era naquele tempo. Falta-me inocência, estou feito um molambo que a cidade puiu demais e sujou” (RAMOS, 2023, p. 24).

Interessante escolha de palavras por Graciliano Ramos. Puir, de acordo com o dicionário, pode significar tanto polimento quanto desgaste por uso prolongado. O personagem sente-se desgastado pela urbe moderna, não é mais aquele que, em sua memória, fora um dia em sua infância, sente seu interior em desarranjo, maltratado pela vida na cidade (RAMOS, 2023, p. 25). Contudo, isso se passa internamente, em seu exterior está polido, é como os outros, “um diminuto cidadão que vai para o trabalho maçador, um Luís da Silva qualquer” (RAMOS, 2023, p. 25). Isso é o importante, parecer moral, belo e higiênico, estar dentro da ordem, seguir o caminho do trabalhador, da ordem urbana, ser o ator histórico mediano, pequeno de Hegel (WHITE, 2019, p. 104).

Destarte, como vimos no início desta análise, Graciliano Ramos pôde observar de perto a suposta chegada da iluminada modernidade burguesa na urbe sertaneja. Assim, se não podemos encarar *Angústia* como um fato histórico (e certamente não o podemos), podemos, isso sim, compreendê-lo como uma representação sensível de um contexto histórico feito por alguém que o viveu. Ramos experienciou na pele as marcas da instabilidade social, econômica e política, enfrentou o desgaste do espírito à espera de um tempo de grandes esperanças que nunca chegou. Sua obra encapsula o flagelo da alma que, nas amarras do sistema capitalista, busca sentido em um mundo que continuamente a fragmenta. É nessa contradição que o texto

transcende o indivíduo, iluminando as tensões universais de uma modernidade que prometeu progresso, mas entregou desamparo.

### 3 Considerações finais

À guisa de conclusão, propõem-se reflexões que dão continuidade ao que foi desenvolvido, preservando o caráter aberto e dialógico da análise. Não se pretendeu aqui fazer um exame simplista das relações entre os fatos históricos, a biografia de Graciliano Ramos e sua obra. Ao contrário, buscou-se explorar as camadas sensíveis e complexas entre história, experiência e criação literária.

Encarar o espaço urbano a partir da literatura é percorrer as fronteiras fluidas entre a realidade e a reescritura sensível do mundo. É permitir-se tocar pelas sensibilidades de outrora, pela perspectiva de um outro que, situado em um tempo e lugar específicos, nos revela algo universal. Esta análise tentou ir além da leitura de Ramos como um mero espectador do contexto histórico em que viveu. Ao invés disso, procurou entender sua experiência sensível como uma vivência imersa no tecido do real, mas também como um movimento criativo que transpõe essas vivências em palavras carregadas de significado.

Graciliano Ramos, enquanto observador atento da sociedade, não se limita a reproduzir o real de forma passiva. Ele ocupa o papel de agente ativo, consciente do espaço que habita e do que o cerca. Em suas palavras, a realidade não é apenas capturada, mas questionada. Sua escrita é mais do que uma janela para o contexto social: é uma interrogação profunda sobre as contradições da modernidade burguesa, as desigualdades de uma sociedade estruturada em aparências e distinções, e o desamparo existencial que acompanha o indivíduo nesse cenário.

Dessa forma, *Angústia* é uma tradução sensível e complexa da experiência humana em meio à instabilidade social, econômica e política. Ramos não apenas testemunha o esfacelamento de um tempo de esperanças frustradas – ele o transforma em literatura capaz de iluminar questões ainda hoje universais. Ao transpor a dor de um tempo em linguagem, ele revela as feridas de uma sociedade que promete progresso enquanto oferece desalento.



## Referências

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão: Ensaio sobre Graciliano Ramos**. São Paulo: Todavia, 2024.

ECO, Umberto. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

HONNETH, Axel. **Reificação: um estudo de teoria do reconhecimento**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

MARINHO, Maria Celina Novaes. **A imagem da linguagem na obra de Graciliano Ramos: uma análise da heterogeneidade discursiva nos romances *Angústia e Vidas Secas***. São Paulo: Humanitas, 2000.

MARINS, Paulo César G. **Habitações e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras**. In: SEVCENKO, Nicolau (org). **História da vida privada no Brasil: Da Belle Époque à Era do rádio**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

MONTEIRO, Juliana Aguiar Cavalcante. **“Protorracionalismo” em Maceió: um panorama urbano da Maceió de 1934 a 1959**. 2018. 217 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/3355>. Acesso em: 26 out. 2025.

MORAES, Dênis de. **O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos**. São Paulo: Boitempo, 2012.

NAPOLITANO, Marcos. **História do Brasil república: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo**. São Paulo: Contexto, 2022.

OLIVEIRA JUNIOR, José de. **“É subúrbio isto aqui”: urbanidade e memória dos moradores do bairro de Ponta Grossa – Maceió – Alagoas**. 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Sociais, Maceió, 2009. Disponível em:





<https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/982/1/%c3%89%20sub%c3%barbio%20isto%20a%20qui%20%3a%20urbanidade%20e%20mem%c3%b3ria%20dos%20moradores%20do%20bairro%20de%20Ponta%20Grossa%20%20%20Macei%c3%b3%20%20%20Alagoas.pdf>. Acesso em: 26 out. 2025.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

PESAVENTO, Sandra J. A cidade maldita. *In*: PESAVENTO, Sandra J. **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris**, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2002.

PESAVENTO, Sandra J. **Os pobres da cidade: vida e trabalho – 1880-1920**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. Rio de Janeiro: Record, 2023.

RAMOS, Graciliano. **Caetés**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

RÜCKERT, Fabiano Q. Olhares sobre a pobreza e a urbanização no Brasil na transição do século XIX para o XX: uma prospecção bibliográfica. *In*: RÜCKERT, Fabiano Q. **História da pobreza no Brasil**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2019.

WHITE, Hayden. **Meta-História: a imaginação histórica do século XIX**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

Recebido em 11 de julho de 2025.

Aceito em 08 de outubro de 2025.

Publicado em 10 de novembro de 2025.

